

NOTURNO MARIOANDRADIANO:
UMA LEITURA DO POEMA
MEDITAÇÃO SOBRE O TIETÊ

Ângela Maria Gonçalves da Costa
Universidade de São Paulo

RESUMO: O presente artigo é estudo do poema “Meditação sobre o Tietê”, de Mário de Andrade. Buscamos situar as imagens, fazendo a leitura da poesia como interpretação da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade; literatura brasileira; poesia modernista.

ABSTRACT: This paper is a study of “Meditation about Tietê”, a Mário de Andrade work. It aims to situate the images from the poetry as interpretation of culture.

KEY WORDS: Mário de Andrade; Brazilian literature; modernist poetry.

“a solidão solitude,
Na solidão entrei,
Na solidão perdi-me,
Nunca me alegrarei.”

Mário de Andrade (*Canção*)

“Eu sou aquele que veio do imenso rio.”
Mário de Andrade

I INTRODUÇÃO

“Meditação sobre o Tietê”, de Mário de Andrade, que aparece como segunda parte do seu derradeiro livro *Lira Paulistana*, é datado de 30/11/44 a 12/02/45. O poema foi concluído, portanto, 13 dias antes de sua morte ocorrida no dia 25 fevereiro de 1945.

Mário escreve o poema, como um “testamento”, em um momento particularmente difícil de sua vida. Problemas de saúde juntam-se a decepções pessoais, culturais e políticas, a intuições angustiantes sobre a morte. Todas estes conflitos, que afloram no

momento crepuscular da vida do poeta, direta ou indiretamente atravessam o poema, surgindo como um verdadeiro ajuste de contas consigo mesmo e com a vida cultural de seu país.

Isso é perceptível no comentário que o poeta faz a seu amigo Carlos Drummond de Andrade, em carta de 11/02/1945 (14 dias antes da morte de Mário e um dia antes de terminar o poema), sobre a criação de “Meditação sobre o Tietê”:

Ando fazendo um poema chato, pesado, difícil de ler, longo demais, duro nos ritmos, cadencial, bárdico, uma espécie de ‘Meditação sobre o Tietê’. É o que me dá alento, que o resto, trabalho, vida, ver os outros daqui, os da elite da esquerda politicando, carcomidos aos vinte anos tanto como um perrepista sexagenário, a intriga, o meu cartaz, tudo me dá desalento. Só o poema me salva e acredito nele, amo ele, me umedece os olhos. E cada palavra que consigo acertar naquela dureza cadencial que não é verso livre mais, parece que achei a virgem, dá prá aguentar dois dias mais sem estouro.(Andrade, 1988, p. 224)

A tensão é ainda mais evidente em carta a Dantas Motta, datada de 09/02/1945, quando Mário faz alusão ao poema. Agora nos seguintes termos:

Terminei a primeira versão dia 15 de janeiro. Desde esse dia, até mesmo durante o Congresso, tenho trabalhado quase todos os dias nele, estava cheio de imperfeições derivadas de fadiga de memória. E a politicagem que trançou na infraestrutura da intriga e do egoísmo, no Congresso me obrigou a uma passagem nova, em que vejo as facções políticas, em peixes.(Andrade, 1988, p. 226)

Também seu desencanto com os caminhos da cultura nacional posteriores a 1930 torna-se patente no poema “Meditação sobre o Tietê”, no qual Mário desconsoladamente se pergunta o que havia acontecido com o espírito anarquizante das “juvenilidades auriverdes”.

Por isso, a necessidade, nesta introdução, de nos referirmos a alguns desses conflitos que atormentam Mário de Andrade.

Mas vale dizer, desde já, que o exame dos conflitos do escritor nos interessará, ao analisarmos o poema, somente na medida em que ele for capturado pela forma literária. É a linguagem, portanto, que nos revelará os conflitos da intimidade do “eu” do poeta. Por mais introjetado que esteja no poema, o conflito acaba sendo sempre decorrente de um estar-no-mundo que define suas linhas gerais. Como dizia Adorno, no seu ensaio “Sobre Lírica e Sociedade”, “quando o eu se esquece na linguagem está de todo presente nela”. A linguagem ao assumir as tensões do sujeito fala como a própria voz deste. Como? Através das imagens, da sua disposição, de seus desvios sintáticos, da sua música, de seu ritmo, da sua estrutura sonora. Pois, citando novamente Adorno, “nada que não esteja nas obras, na própria forma destas, legítima a decisão quanto ao seu conteúdo.”(Adorno, 1975, p. 201-14)

Na verdade, a *forma* adquiriu, nesse poema, tamanha vivência que, tomando conta de nossas sensações, informa, de modo absorvente, o nosso entendimento.

O poema de Mário de Andrade que nos ocupa aqui justifica o que se teorizou acima, porque nele as forças da *realidade objetiva* do mundo concreto e a *subjetiva* das vivências essenciais do poeta, mesmo se antagonizando enquanto experiência, atingem uma *unidade* poética — que se constitui na dialética eu-mundo.

O poema “Meditação sobre o Tietê”, não só por ter sido escrito às vésperas da morte do escritor, mas por sua carga “meditativa e analítica”, é visto por alguns críticos como uma espécie de testamento poético de Mário.

Antonio Candido comenta o poema, no texto “Lembranças de Mário de Andrade”, dizendo:

Na *Lira Paulistana* se encontra a impressionante ‘Meditação sobre o Tietê’, senão o maior, certamente o mais significativo dos poemas que compôs e que, datado de fevereiro de 1945, o mês de sua morte, tem um sentido quase misterioso de testamento.

Levados pela água barrenta do rio tutelar, vão passando os temas e as constantes da sua poesia: os ‘sinais’; as velhas angústias, misturadas às angústias novas; uma nova sereni-

dade, recapitulando a serenidade de antanho. Os símbolos do catimbó, as imagens amazônicas, os amores estilizados, as meditações prediletas — Mestre Carlos, o Boi Paciência, o Irmão Pequeno, Maria, o esforço de compor a vida, a equação do Eu com o mundo, — tudo desliza na ‘Meditação’, tornando-a um dos pilares da sua obra poética. (Candido, 1959, p. 87-8)

Gilda de Mello e Souza diz sobre o poema que “de todas as meditações, esta é a mais dramática, mais complexa, mais cifrada. Os temas e motivos dominantes que atravessam a sua obra (...) são agora rememorados na trágica antevisão da morte: os amores, as lutas, os sonhos, os projetos, as amarguras de uma trajetória sofrida.” (Castro, 1989, p. 143)

Também Telê Ancona Lopez comenta o poema:

Inclinado sobre seu rio que vai, caudal de sua consciência de artista, brasileiro e homem, proclama a necessidade de uma vida mais justa, necessidade essa que enxergou e frisou, dentro de diversas soluções poéticas. Nunca, porém, com a força de humanidade moldando a beleza da construção, como na “Meditação sobre o Tietê”. (Lopez, 1990, p. VIII)

Ainda Moacir Werneck, amigo de Mário, vê o poema “Meditação sobre o Tietê” também como um testamento:

‘Estou assim: fero, agressivo, enojado, intratável e tristíssimo’. Era o que escrevia a Carlos Drummond de Andrade apenas duas semanas antes de morrer. (...) Naqueles mesmos dias escreve um de seus poemas mais definitivos e profundos, “Meditação sobre o Tietê”. É o seu testamento poético, onde deplora, num desalento, o que chamou “a minha incapacidade de ser útil aos homens”. (Castro, 1989, p. 142-3)

Essa filiação do poema à idéia de “testamento” é justificável, na medida em que “Meditação sobre o Tietê” surge no momento mesmo em que acentua-se a preocupação do poeta com a morte.

Em carta de 15 de fevereiro de 1945, Mário de Andrade confidenciava a Paulo Duarte uma pesada impressão:

“Tem momentos em que me toma um tamanho medo, pavor mesmo da morte... (...) Eu tenho apenas um medo vago, mas nitidíssimo de que alguma coisa vá morrer. (...) E com isto estou vivendo uma vida miserável, em que tudo sai ruim”. (Duarte, 1985, p. 218)

Mas antes disso, em carta de 25 de janeiro de 1942, Mário dizia a Paulo Duarte: “Tenho assim meio a impressão de que estou me suicidando aos poucos e vou me acabar um pouco antes do tempo, pois desejava viver até os 55 anos”. (Duarte, 1985, p. 282-3)

Ainda sobre a impressão da morte que acompanhava o poeta, vale citar as palavras de Gilda de Mello e Souza:

Mário de Andrade morreu de repente, mas é sabido que, apesar disso, previu com grande antecedência a época em que deveria morrer, tendo declarado numerosas vezes aos amigos mais íntimos que isso ocorreria entre os 50 e os 52 anos. De fato, quando faleceu em 1945, tinha 51 anos e 4 meses. Ora, é curioso observar que a partir de 1942 tenha começado a fazer um balanço em sua vida, elaborando uma série de *testamentos* de enorme importância: a célebre conferência “O Movimento Modernista”, onde rememora com pessimismo e melancolia a sua etapa de vanguarda; a “Meditação sobre o Tietê”, poema longo e importantíssimo, que termina poucos dias antes de morrer e que, sob muitos aspectos, é o seu testamento poético; e “O Banquete”, arremate final de sua reflexão combativa sobre a arte. Estas revisões, vindas de um homem lúcido e disciplinado como Mário de Andrade, parecem refletir o temor de ser apanhado de surpresa, o desejo de estar com a casa em ordem, quando chegasse a visita da ‘indesejada das gentes’. (Andrade, 1988, p. 265)

Onze meses antes de morrer também fala a Pedro Nava sobre a morte, em carta de 11 de março de 1944, nos seguintes termos: “Preciso viver ainda cinco anos. Se assim como vai eu chegar até lá, muito que bem. Mas basta, não quero viver mais. Já estou meio desiludido dos homens e sinto que vivi demais. (Andrade, 1982, p. 123)

Pedro Nava, em uma crítica emocionada, aponta a origem dos problemas de saúde que acabariam por levar Mário de Andrade à morte:

Mário foi a alma do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo e o prefeito que o afastou desse cargo foi um de seus assassinos. (...) A angina de peito de Mário Raul de Moraes Andrade começou na ponta da pena punhal que assinou o ato de seu afastamento do Departamento de Cultura. É por isto que escrevi palavra que repito — assassino. (Andrade, 1982, p. 33)

Mário de Andrade foi Chefe do Departamento de Cultura de São Paulo em 1935 e 1938. Trabalhou depois junto ao Ministério Capanema, no Rio de Janeiro, de 1938 a 1942. Paulo Duarte narra, no seu livro *Mário de Andrade Por Ele Mesmo*, as dificuldades de Mário com a burocracia, o golpe duro da desilusão que o levou a abandonar São Paulo, “exilando-se” no Rio de Janeiro.

É impossível, nesse momento, deixar de pensar nas palavras de Paulo Duarte, ao comentar o desmantelamento do Departamento de Cultura, quando define a figura do bajulador (ver nota¹).

Em uma entrevista a Francisco Assis Barbosa, em 6 de

¹ “O bajulador é aquele homem que renega tudo e adere a tudo. A sua baba é de mel quando se vê de frente e de vitríolo quando atirada pelas costas. Ele confunde as cores, não é daltônico porque para ele todas as cores são iguais, para todas tem o mesmo sorriso servil, prestes a tornar-se no mesmo rictus da traição. Está pronto a aplaudir todas as idéias porque tem horror de defender qualquer idéia: a sua opinião é a do amo e este é aquele que, no momento, tenha entre os dedos um pouco de isca. Rasteja-se coleante, para não perder uma graça ou uma propina suporta tudo. A menor sombra, o menor resquício de altivez jamais se manifesta em seu rosto esmaltado porque é contra os seus reflexos, é contra a sua religião, é contra seu temperamento, contra a sua endocrinologia. A sua capacidade de receber humilhações não é a virtude dos santos ou dos ascetas, porque, em vez de diluir-se em amor, se consolida em recalques tristes, prontos a explodir à centelha da covardia. Tem pés na alma e o cérebro em vez de ferver à luz da inteligência, fermenta raiva pobre e pegajosa. Tem todos os físicos como tem todas as caras. O riso abre-lhe a boca tanto para beijar como para morder. O próprio Dante, na sua imaginação de fogo, que colocou no purgatório os soberbos, os iracundos, os avaros e os invejosos, reservou ao bajulador uma das covas mais tenebrosas do inferno. Lá está ele, *gente che col muso scuffa*, no fundo do poço escuro, cujas exalações nauseam os olhos e o nariz:

“Le ripe eran grommate d'una muffa
për l'alito di giu che vi s'appasta,
che con li occhi e col naso facea zuffa”.

janeiro de 1944, já vemos um Mário de Andrade decepcionado, falando sobre a responsabilidade do intelectual, que não deveria servir aos “donos da vida”, como fez uma grande parte da intelectualidade brasileira: “os intelectuais puros venderam-se aos donos da vida”. (Castro, 1989, p. 144)

Toda essa problemática esboçada acima faz com que seu derradeiro poema, esta espécie de *noturno*² à margem do rio Tietê, expresse o *lamento* de um homem dilacerado no e pelo mundo, antes da sua entrada, muitas vezes pressentida, no reino inevitável do Nada.

Ao invejoso, Dante costurou os olhos com fios de ferro e o mergulhou na lama do Purgatório para que, quando falasse, em vez de palavras a sair, fosse logo que entrasse. mas a este dera a esperança de redenção, a possibilidade de purificar-se pela dor. Ao bajulador, não. Lá ele, nos quintos, mergulhado também na lama, mas lama de outra qualidade, lá estava a ignominiosa “gente attuffata in uno sterco / che da li uman privadi pareva mosso”. E tinha razão, porque o bajulador não é só inimigo de seu semelhante, mas é o inimigo do seu povo, da sua terra, do grupo humano a que pertence. Para bajular, ele abandona tudo, amigos, protetores, idéias, causas, partidos. Abandona-se e une-se à parte contrária, as mais antagônicas com os princípios que há pouco defendia: apenas para adular. Torna-se impermeável e cínico. Finge não acreditar em nada, mas crê nos efeitos confortáveis da lisonja. E, na adulação, ele destrói tudo, pai, mãe, irmão, amigo, a casa, a cidade, a província. Destroí universidades, bibliotecas e departamentos de cultura. Queima livros para que Hitler fique contente, queima Deus para agradar ao diabo, queima a liberdade para ser amável aos tiranos, queima a vergonha para que ditadores lhe sorrissem. (...) Diante deste espetáculo, era natural que Mário de Andrade se fosse embora...”. (Duarte, 1985, p. 119-121).

² Mário de Andrade compôs três meditações que correspondem à três momentos do dia: “Louvação Matinal” (1925), “Louvação da Tarde” (1926) e “A Meditação sobre o Tietê” (1945). Ao comparar os três poemas, Antonio Cândido diz que “em ‘Louvação Matinal’ a manhã corresponde à vida consciente e à luta diária. É o momento da vontade e da razão. (...) ‘Louvação da Tarde’ está próxima daquela serenidade contemplativa dos primeiros românticos, como alguém que procura sobretudo a paz pela meditação serena no quadro natural. (...) É o momento do sonho e do devaneio, quando a pessoa concede a si mesma o direito de imaginar qual seria a melhor forma, e a imaginação procura afeiçoar o mundo à veledade. Momento de contemplação serena, pressupondo o esforço de paz interior. (...) ‘A Meditação sobre o Tietê’, do fim de sua vida, sintetiza todas as noites da poesia de Mário de Andrade e corresponde entre outras coisas à vida recalçada, aos desejos irregulares, ao inconsciente que assusta e a tudo o que a sociedade oprime.” (p.72-3). (Cândido, 1993, p. 69-77).